

Empresários paulistas dividem suas preferências entre o PRN e o PSDB

por Fernando Canzian
de São Paulo

Assim como outros milhões de brasileiros, os empresários paulistas depositaram seus votos nas urnas ontem. Acordaram cedo para votar, e prevaleceu, entre alguns ouvidos por este jornal, os votos aos candidatos Mário Covas, do PDDB e Fernando Collor de Mello, do PRN.

Entre estes empresários, o que parecia mais convicto de que seu candidato — Fernando Collor de Mello — passe pelo primeiro turno dessas eleições e consiga a maioria dos votos no segundo turno era o presidente do Grupo Brasmotor, controlador das empresas Brastemp e Consul, Hugo Miguel Etchenique. "Agora, o único candidato que tem maiores chances contra Collor é o Mário Covas" avalia Etchenique.

Fernando Milliet de Oliveira, ex-presidente do Banco Central e presidente da Seguradora Soma, declarava seu voto a Mário Covas. "O Collor deve ir para o segundo turno, e com ele passam Lula ou Brizola. O meu candidato, é uma pena, decolou muito tarde", dizia Milliet. O ex-presidente do BC não descartou a hipótese de votar em Lula ou Brizola no segundo turno.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Mário Amato, preferiu não revelar em quem votou nessas eleições. Limitou-se a dar um perfil do seu candidato. "Ele é de centro e tem grandes afinidades com a iniciativa privada. Pretende acabar com a miséria deste país e não utilizar-se dela para vencer eleições", resumiu Amato.

O principal executivo do Grupo Pão de Açúcar, Sylvio Luiz Bresser Pereira, também votou em Mário Covas, mas não tinha muitas convicções de que seu candidato passe por este primeiro turno de eleições. "Mas se o Lula ou Brizola o fizer, o que eu não gostaria, não acredito que qualquer um deles traga grandes prejuízos ao setor empresarial, como se tem pregado entre empresários", diz. Também votou em Covas o empresário Jamil Nicolau Aun, diretor do Departamento de Comércio Exterior da FIESP. Antonio Teixeira da Silva, diretor da FIESP colocou seu voto em favor de Fernando Collor.

"O presidente ideal para o País é mesmo Mário Covas, do PSDB", disse ontem, Eugênio Staub, diretor presidente da Indústrias Gradiente Brasileiras S.A., à reporter Fátima Fernandes, de São Paulo.

"Prefiro a linha do liberalismo do Guilherme Afif Domingos, do PL", ressaltou, Sérgio Zimath, diretor da Consul S.A..

Edmundo Klotz, presi-

dente da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (Abia), crê que o empresariado ficou sem muita opção de voto. "Mas é o Collor que tem condição de derrubar o Lula", salienta. Independente de quem for eleito, no entanto, os empresários acreditam que, inevitavelmente, o Brasil vai enfrentar uma grande crise.

"Não dá mais para empurrar as dívidas interna e externa e a inflação com a barriga", considera Roberto Kaminitz, diretor presidente da Douglas Radioelétrica S.A.. "Precisamos também lembrar que o Congresso ocupa hoje o lugar do presidente e vai ser o mesmo por mais um ano", acrescenta Dante Gallian Neto, diretor do grupo Borden, que detém a Adria, e vice-presidente da Abia.

Mas o empresariado nacional vai fazer pé firme para derrubar no segundo turno as linhas de esquerda. "Se o Lula ganhar, por exemplo, vamos viver um retrocesso econômico", diz Klotz.

Collor de Mello, embora reúna, na avaliação dos empresários, as condições para derrubar Lula e Brizola, inspira neles certa insegurança. "O que me preocupa é a qualidade do seu plano de emergência. Falta profundidade. Além disso, temos medo do desconhecido", avalia Staub.

CENTENÁRIO — O presidente José Sarney encerrou as comemorações do Centenário da República, no dia de ontem, com um pronunciamento à Nação, em cadeia de rádio e televisão. Ele fez uma exaltação ao Brasil — "um País vocacionado para a paz, aberto ao diálogo e onde existe democracia racial, política e ideológica" — e ao marechal Deodoro da Fonseca, que teve a "lucidez e a coragem de proclamar a República".